



## O VIDEOCLIP EM SALA DE AULA

Micaelle Ribeiro do Nascimento<sup>1</sup> (UFCG)  
Laís Venâncio de Melo<sup>2</sup> (UFCG)  
Rossana Delmar Lima Arcoverde<sup>3</sup> (UFCG)

### Resumo:

Como o uso de vídeos se destaca na cultura digital, o presente trabalho objetiva verificar se ocorre o uso de *videoclips* em sala de aula; identificar os modos de utilização e suas finalidades, além de procurar conhecer o pensamento dos docentes a respeito disso. Para tanto, aplicou-se questionários a professores dos primeiros anos do Ensino Fundamental em uma escola da rede particular e outra da rede municipal de Lagoa Seca, Paraíba. Os dados obtidos e interpretados sob perspectivas teóricas de Demo (2009); Mattar (2007), Xavier (2011) revelam o quanto os alunos podem se beneficiar e aponta a necessidade de formação docente.

**Palavras-chave:** *videoclips*, letramentos digitais, escola.

### Abstract:

The present work is justified by the range in videos used nowadays and has a goal to check whether there is the use of videoclips in classes; identifies the way of their use and purpose, besides search the teachers' thinking in relation to this. For this, it was applied questionnaires to the teachers of the first years at elementary school in a private school and in a municipal school at Lagoa Seca, Paraíba. The results were achieved and interpreted according the theory of Demo (2009); Mattar (2007), Xavier (2011) and shows how the students can benefit and indicates the need of teaches training.

**Keywords:** videoclips, literacies digital, school.

## Introdução

“Boa tarde pessoal, hoje vocês assistirão ao filme ‘tal’ e depois me entregarão um resumo do que viram”. Qual aluno já não passou por esta situação? Raras, provavelmente, serão as respostas negativas, pois é comum encontrar escolas que tenham salas disponíveis para a exibição de vídeos aos alunos. Todavia, a que se questionar: os professores têm utilizado *videoclips* como instrumentos didáticos? Como acontece esse uso em sala de aula? O que os professores pensam a respeito disso? Essas são as questões básicas as quais pretendemos responder.



O desenvolvimento dos meios de comunicação *high tech* (alta tecnologia), por exemplo: videoconferências, redes sociais (*Facebook, MySpace, Twitter*), canais de compartilhamento de vídeo (*Vimeo, Flickr, Youtube*) que permitem o surgimento de uma ampla rede de informações à distância, de fluxo rápido e contínuo, caracterizam a chamada Era Digital, conhecida como a terceira onda industrial, na qual a informatização vence as distâncias e acelera a divulgação de notícias. Estes fatos estão interligados ao processo educacional, visto que o submete a desafios e perspectivas que antes não existiam.

Um desses desafios se refere à utilização de vídeos em sala de aula, pois eles possuem um incrível potencial a ser usado para a educação e porque as crianças estão inseridas na cultura digital na qual as imagens em movimento se fazem presentes desde cedo. Diante disso, o presente trabalho objetiva verificar se ocorre o uso de *videoclips* em sala de aula; identificar os modos de utilização, bem como as finalidades, caso haja a utilização e, em caso negativo, buscamos compreender os motivos do não uso. Por fim, procuramos conhecer o pensamento dos docentes a respeito do uso de *videoclips* em sala de aula.

Para alcançar tal objetivo, aplicamos questionários a docentes dos primeiros anos do Ensino Fundamental de uma escola da rede particular e outra da rede municipal de ensino no município de Lagoa Seca, na Paraíba e os interpretamos fundamentando-se nas perspectivas teóricas de Demo (2009), Mattar (2007), Xavier (2011), entre outros. O trabalho organiza-se, então, em três grandes tópicos: no primeiro, apresentamos uma caracterização da Era Digital, bem como sua influência na educação. No segundo, abordamos acerca do uso de *videoclips* em sala de aula como instrumentos didáticos e, no terceiro e último tópico discutimos as respostas às perguntas geradoras do trabalho, coletadas por meio dos questionários.



## A Era Digital e a Educação

A contemporaneidade é marcada principalmente pelo fenômeno da globalização e assinalada pela terceira onda industrial que ultrapassa os avanços empresariais da segunda onda industrial, onde a preparação para o trabalho era o essencial e coloca a informação em um lugar central na sociedade. Os meios de comunicação *high tech* (alta tecnologia) característicos desta era, a exemplo de videoconferências, redes sociais (Facebook, MySpace, Twitter), mensagens eletrônicas, possibilitam que a população se mantenha informada dos mais diversos conteúdos através de uma ampla rede de informações à distância, de fluxo rápido e contínuo, que amplia a divulgação de notícias, juntamente com a interação humana via internet. Esse período é conhecido como a Era Digital, no qual a informatização se desenvolve de forma grandiosa, refletindo significativamente nos diversos setores da sociedade, exigindo conexão frequente dos usuários e que estes acompanhem as inúmeras mudanças constantemente.

A maneira de ler e produzir textos se modifica, apresentando-se como um exemplo das modificações provocadas pela Era Digital, a leitura dos textos deixa de ser unicamente linear, o hipertexto forma unidades ou módulos de informação ligadas através de nós (*links*) que podem ser representados por fotos, gráficos, vídeos, palavras, tabelas, sinais que auxiliam o leitor a interagir com o texto (SANTAELLA, 2001). O leitor, ao iniciar determinada leitura, tem ao seu dispor um leque de outros textos (*links*), que com um toque pode levá-lo ao acesso de imagens, vídeos, documentos, enfim, um maior número de informações, de forma instantânea e interativa, em que o leitor de forma ativa escolhe aquilo que lê e essa seleção supõe direcionamento e orientação para que se alcance seus objetivos. Isto posto, se percebe que a escola precisa lidar com a influência dessas mudanças.

[...] a Internet está permeando o imaginário das pessoas, dos governos das corporações, e de todas as demais instituições humanas, produzindo uma emergente cultura digital. Dentre as instituições humanas está a escola e



esta [...] não deve passar isenta da emergente cultura digital. (FILENO, 2007, p.2).

Tal como Érico Fernandes Fileno (2007) afirma, a escola não pode desconsiderar os avanços tecnológicos pelo simples fato de que estes perpassam todas as áreas da sociedade e como a escola faz parte dela, bem como seus alunos são usuários ávidos das novas tecnologias, o processo de ensino-aprendizagem deve se relacionar com a realidade da Era Digital, contextualizando os conteúdos escolares e relacionando-os com a realidade tecnológica, considerando as diversidades e as múltiplas linguagens.

A primeira razão que pode-se apresentar à escola para que esta não ignore as mudanças promovidas pela cultura digital são seus próprios alunos, uma vez que estes são nativos digitais, em outras palavras, eles já nasceram imersos na Era Digital e utiliza suas tecnologias com frequência, diferentemente de seus professores, que em sua maioria são imigrantes digitais e não são habituados no trato com as novas tecnologias e se deparam com um conhecimento tecnológico por parte dos alunos bem mais amplo do que o seu e que “convivem tranquilamente com aprendizagem informal, vendo na escola uma referência importante, mas não única.” (DEMO, 2009, p 27). Sendo assim, o professor deve interligar as informações adquiridas por estes alunos no seu dia-a-dia aos conhecimentos perpassados na escola.

Uma segunda razão para a escola levar em conta a influência da cultura digital na educação é o fato de que as novas tecnologias exigem novas competências, novas habilidades para as quais os alunos necessitam de orientação a fim de lidarem com um misto de informações, mensagens, conteúdos, conhecimentos disponíveis a eles. Se essa é a realidade, a escola, então, não pode ignorá-la, porque é a partir do ensino na escola que os alunos compreenderão que devem ter um olhar crítico sobre essa pluralidade de dados e notícias. Em consonância a isso, os professores podem orientar seus alunos, guiá-los na escolha das informações, tendo a necessidade, portanto, de conhecer as novas tecnologias



e suas competências cognitivas exigidas para, assim, poder direcionar e instigar os alunos de maneira mais produtiva possível.

Para alcançar tal horizonte, os professores devem direcionar-se não só pela perspectiva de alfabetização, mas também pela de letramento, buscando não apenas a instrução dos alunos para o uso das tecnologias digitais, como também o ensino da função social que os alunos devem perceber ao relacionar seu cotidiano com os aprendizados escolares.

[...] o **letramento** é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o **conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.** (SOARES apud Oliveira, 2008, p.9, grifos nossos).

Assim, não basta “alfabetizar-se digitalmente”, é essencial letrar-se, o acesso à informática deve ser visto como um direito, logo, as escolas devem proporcionar aos alunos, no mínimo, uma “alfabetização tecnológica”, esta não se estabelecendo como um curso de informática, mas como um aprender a ler as novas mídias, escrever, compreender textos, entender gráficos, contar, desenvolver noções espaciais, utilizando socialmente tais conhecimentos (BORBA, 2001).

Desse modo, a escola precisa revelar que aprender não é simplesmente memorizar e repetir posteriormente aquilo que se aprendeu, mas utilizar seu aprendizado de forma contextualizada nas relações sociais. Neste sentido, surge uma terceira razão para a escola incorporar as novas tecnologias: a relação entre a educação e a sociedade. O sentido real da escola é considerar a realidade intrínseca a ela. É disso que os alunos necessitam: aprender com a escola sobre a vida, ter e refletir sobre as experiências vivenciadas, na medida em que se relacionam com o outro, com o mundo, consigo mesmo. Por isto a escola não pode desconsiderar os avanços tecnológicos, visto que “nas novas tecnologias aparece um lado peremptório, já que não haveria como colocar a pretensão de se livrar



delas. Não são apenas fato consumado, são sobretudo parte da nossa existência atual” (DEMO, 2009, p. 3).

Diante dessas três razões, percebemos que as mudanças tecnológicas apontam para novas oportunidades da escola modificar e aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem, incorporando aos instrumentos didáticos tradicionais os recursos digitais, assim como seus alunos já incorporaram os aplicativos digitais a seu cotidiano.

Os alunos hoje têm um conjunto de aplicativos web em suas mãos que podem verdadeiramente facilitar e revolucionar seu aprendizado. Como educadores, entretanto, temos a função de assumir a responsabilidade de explorar a área tecnopedagógica para construir o material para os alunos, e não simplesmente lançá-lo e deixar que se percam numa confusão de dados, ferramentas e tecnologias (VALENTE E MATTAR, 2007, p.88).

Para finalizar, reiteramos a importância da mediação dos professores nessa cultura digital, assim como ressaltam acima Carlos Valente e João Mattar (2007) e como destaca Francisco Santana de Oliveira (2008) na citação abaixo:

Sendo assim, é válido destacar que apesar de todas as novas relações estabelecidas entre os “personagens” envolvidos no papel da aprendizagem, **nenhum elemento deixou de ser importante**, pelo contrário, todos ganharam novas possibilidades e percepções através das novas interações entre estes elementos. Foi o aluno que, através do computador, ganhou uma nova ferramenta de pesquisa; o professor que ganhou uma nova fonte de atualização e conhecimento. (OLIVEIRA, 2008, p. 12, grifo nosso)

Nessa Era Digital, dentre as diversas novas mídias e redes sociais, encontra-se a possibilidade de usuários postarem e compartilharem vídeos caseiros, *videoclips* (vídeos curtos) dos mais variados assuntos. Abaixo, apresentamos o uso de *videoclips* em sala de aula como recurso didático pedagógico.



## **Videoclip<sup>1</sup> como instrumento didático**

O surgimento de canais de compartilhamento de vídeo na internet, tais como o *Youtube*, *Vimeo*, *Flickr*, *Facebook*, permite aos seus usuários que criem, postem e compartilhem vídeos. Entre estes canais, o *Youtube* é um dos mais utilizados, primeiramente porque disponibiliza uma página com as noções básicas para seu uso, oferecendo conhecimentos fundamentais aos usuários para sua utilização, em segundo lugar, por sua imensa capacidade de armazenar dados, para se ter ideia, atualmente, o canal recebe 72 horas de vídeo por minuto, em outras palavras, a cada minuto os usuários fazem o *upload* do equivalente a três dias inteiros em vídeo. Quanto a sua utilização, Pedro Demo (2009) afirma que: “Existe já a expressão ‘geração *Youtube*’ para designar o grupo de usuários da Internet que utilizam a tecnologia de hoje de compartilhamento de vídeo com a facilidade de baixar vídeo pessoalmente” (DEMO, 2009, p 53). Neste ano de 2012, o canal completou 7 anos, visto que foi em 2005 que o site foi criado por Steve Chen e Chad Hurley com o intuito de dividir vídeos pessoais com os amigos. Em 2006, o portal foi vendido para o Google (vale ressaltar: por US\$ 1,6 bilhão).<sup>2</sup>

O canal é organizado em diversas áreas: esporte, música, notícia, tecnologia, filmes, séries, e, dentre outras, está a da educação, a qual fornece, entre outras ferramentas, vídeos-aula, documentários e experimentos. O *Youtube* já dispõe o “*YouTube for Schools*”<sup>3</sup>, canal criado especialmente para ser utilizado por escolas, professores e alunos, contendo mais de 400.000 vídeos educacionais.

Hoje, o conhecimento se multiplica de uma forma exponencial e quase tudo está disponível na Internet. O **YouTube, por exemplo, tem vídeos fabulosos que podem ser trabalhados com os alunos**, mas poucos professores utilizam essa ferramenta para pesquisa e produção de seus alunos. (VALENTE e MATTAR, 2007, p.88, grifo nosso).

<sup>1</sup> A expressão “*Videoclip*”, nesse trabalho, se refere a vídeos curtos, de aproximadamente 5 à 8 minutos e não à vídeos musicais exclusivamente.

<sup>2</sup> Dados disponíveis em: <<http://youtubebrblog.blogspot.com.br/2010/03/oops-surpresa-24-horas-de-video-em-um.html>> e <http://www.youtube.com/watch?v=0maWR1QkAnw>>.

<sup>3</sup> Mais sobre o canal: <[http://www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=NegRGfGYOwQ](http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=NegRGfGYOwQ)>.



Assim, como Carlos Valente e João Mattar ressaltam, no *Youtube* se encontram vídeos de grande potencial para serem usados na sala de aula e mesmo que não sejam, obrigatoriamente, vídeos educacionais, os professores podem utilizar quaisquer vídeos desde que beneficie seus alunos no processo de ensino-aprendizagem. Esses autores também chamam a atenção para a seguinte questão: os professores têm utilizado vídeos em sala de aula como instrumentos didáticos?

Sabemos que, inúmeras vezes, os professores põem vídeos em sala sem planejamento, sem objetivos claros, nem fundamentações em propostas pedagógicas apropriadas e, geralmente, vídeos longos que ao invés de instigarem as crianças ao conhecimento acabam por desmotivá-las, o resultado é que não se aproveita de forma ampla a potencialidade de tais vídeos e eles terminam apenas “modernizando” as aulas. Além disso, os docentes parecem deixar de lado a grande utilidade dos vídeos curtos (*videoclips*), que são mais apropriados para crianças, pelo fato de não causarem enfado por serem rápidos e sintetizarem de uma maneira multimidiática determinados conteúdos, ajudando aos alunos na compreensão e fixação do assuntos ensinados.

Nessa perspectiva é preciso agir diferente, enxergá-los como recursos didáticos que exigem modos de utilização específicos e finalidades que baseiem seu uso. Assim, os docentes podem utilizar vídeos (*videoclips*) não como mero material de apoio para inserção dos meios de comunicação em sala de aula, mas como mais um aliado para tornar suas aulas mais produtivas e agradáveis, de forma que os alunos gostem, se motivem e aprendam de maneira descontraída e atrativa (KLOSS e SANTOS, 2010).

Fica claro, então, que esse meio tecnológico pode enriquecer muito a experiência de aprendizagem para os alunos, à medida que entra em cena a possibilidade de usar tomadas de vídeo, abrindo o horizonte do tratamento de imagens em movimento (DEMO, 2009). Se o pensamento de Pedro Demo (2009) se aliar com o de João Mattar e Carlos Valente, surgirá a ideia de que os professores



não só podem utilizar vídeos como também ressignificá-los, adaptando-os às necessidades de seus alunos, tendo em vista que

um dos lemas da Web 2.0 é: tudo é matéria prima para ser usada remixada. Com a Web 2.0, diversos conteúdos são criados e mantidos de forma dinâmica por usuários e comunidades, e, portanto, não são mais considerados acabados, nem com uma finalidade específica. Ao contrário, tudo é visto como matéria prima, que pode ser retrabalhada em função dos interesses e das necessidades dos usuários (VALENTE e MATTAR, 2007, p. 85).

Ao considerar a potencialidade dos *videoclips*, bem como sua presença desde cedo na vida das crianças que vivem em uma realidade de mediação e de grandes transformações tecnológicas, a escola deve enxergá-los como instrumentos didático-educativos, aliados ao processo de ensino-aprendizagem. Vale destacar que eles podem ser usados como mais um recurso disponível para a motivação dos alunos, uma vez que, para muitos deles, é difícil não conviver com esse “mundo de tecnologia” que encanta, fascina e desperta curiosidades (KLOSS e SANTOS, 2010).

Diante da cultura digital, assim como suas implicações para a educação, seguimos apresentando a interpretação dos dados da presente pesquisa.

### **Dados obtidos: o que eles nos revelam?**

Com a finalidade de verificar se ocorre o uso de *videoclips* em sala de aula, de identificar seus modos de utilização, bem como as finalidades caso haja a utilização, e em caso negativo, de compreender os motivos do não uso, apresentamos a seguir as respostas concedidas, por meio de questionários, por professores dos primeiros anos do Ensino Fundamental de uma escola da rede particular e outra da rede municipal de ensino no município de Lagoa Seca, Paraíba e a interpretação destas.

Escolhemos aplicar questionários, visto que a utilização desse instrumento possibilita uma visão mais ampla sobre a realidade e podem ser aplicados a um número maior de sujeitos da pesquisa. Neste estudo, em particular, entregamos,



inicialmente, questionários a 25 professores de duas escolas da rede municipal de ensino de Lagoa Seca, Paraíba e fizemos várias visitas às escolas no intuito de recolher os questionários respondidos. Em uma das escolas não conseguimos receber nenhum dos cinco questionários entregues, na outra, dos 20 questionários apenas cinco foram devolvidos. Para não prejudicar a pesquisa, outra escola foi escolhida, desta vez uma escola da rede particular de ensino de Lagoa Seca. Nesta, entregamos quatro questionários e recebemos de volta, apenas, dois. Neste contexto, os dados analisados a seguir são fruto dos sete questionários recebidos.

Os questionários eram compostos por 11 questões, fechadas e abertas, organizadas em dois tópicos: o primeiro tinha o intuito de constatar se os professores assistem *videoclip* no seu cotidiano, em caso afirmativo, de conhecer suas finalidades e, em caso negativo, de conhecer o porquê não assistem; o segundo tópico centra as atenções ao uso de *videoclips* em sala e suas perguntas objetivam saber se os professores os utilizam, em caso de resposta positiva, de detectar as finalidades de seu uso e, em caso de resposta negativa, saber os motivos do não uso. Nas suas últimas questões, o questionário busca conhecer a opinião dos professores sobre o uso do *videoclip* em sala de aula e perceber se os mesmos têm interesse de participar de algum projeto relacionado a isso. Por fim, é importante ressaltar que, das 11 questões que compunham os questionários, os professores que afirmaram não utilizar o *videoclip* em sala de aula responderam apenas 7 e, os que afirmaram utilizar, responderam 9.

Como uma forma de conhecermos os sujeitos da pesquisa, a primeira questão se referiu ao uso de *videoclips* no cotidiano por parte dos professores e quanto a isso todos afirmaram assistir, dado que confirma a abrangência da cultura digital não só por parte dos alunos, mas também dos professores. A segunda questão dizia respeito às finalidades pelas quais os docentes assistem vídeos, como era de múltipla escolha, os participantes da pesquisa poderiam marcar mais de uma opção, entre essas: proporcionar momentos de lazer; adquirir informação; auxiliar a preparação de aulas; além de haver um espaço reservado para eles



escreverem outra(s) finalidade(s) que não tivesse(em) sido contemplada(s) entre as primeiras opções. A partir do gráfico (abaixo) construído mediante as respostas, podemos extrair que a grande maioria dos docentes assistem *videoclips* com o intuito de entreter-se e, apenas, um aponta como finalidade o auxílio deles na preparação de suas aulas. Percebemos então, que tais professores poderiam aproveitar de forma mais ampla o que está disponível a eles.

Gráfico 1: Finalidades de usar videoclips no cotidiano

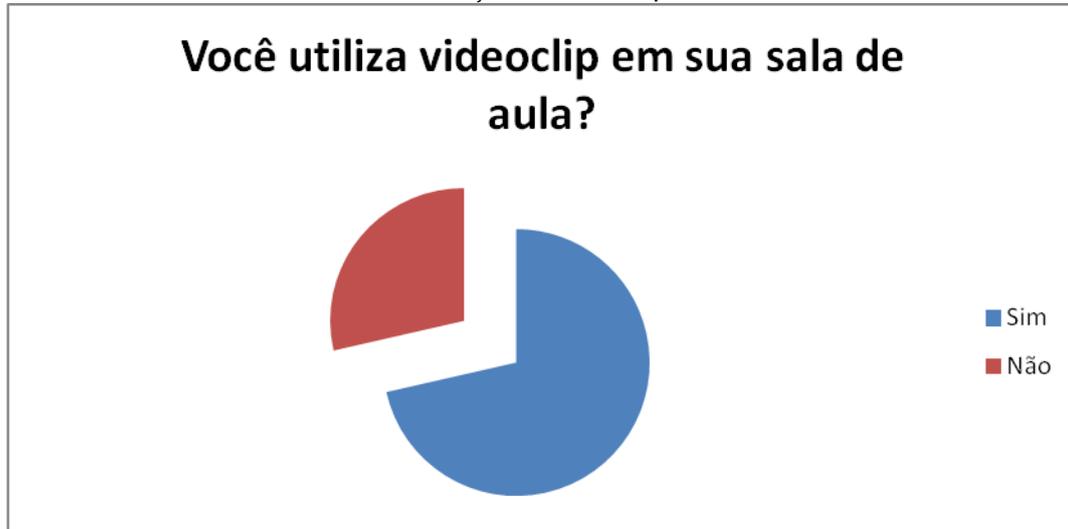


Fonte: Resultados dos questionários

Após essa breve contextualização fora do ambiente escolar, partimos para as perguntas acerca do uso de *videoclips*, especificamente, em sala de aula. O primeiro questionamento fez referência à utilização de *videoclips*, nele 5 professores (71%) responderam positivamente e 2 professores (29%) responderam não utilizar como exposto no gráfico 2. A partir da segunda pergunta, referente a frequência, vemos que é constante o uso de *videoclips* e, diferentemente do que se pensa no geral sobre o uso de duas à três vezes durante todo um bimestre, estes docentes os utilizam, em média, a cada 15 dias, sendo que 80% do total de professores os utilizam de uma a duas vezes por mês e 20% utilizam de três a quatro vezes por mês.



Gráfico 2: Utilização do videoclipe em sala de aula



Fonte: Resultados dos questionários

Além do conhecimento sobre a utilização e a frequência, buscamos conhecer também os objetivos de tais docentes para o uso de *videoclips* em sala de aula. Mediante as respostas categorizamos as finalidades, como vemos abaixo:

QUADRO 1: Finalidades do uso do videoclipe na sala de aula

Com que finalidade você utiliza videoclips em sala de aula?					
	Docente 1	Docente 2	Docente 3	Docente 4	Docente 5
Introduzir conteúdos					
Auxiliar durante o ensino dos conteúdos					
Fixar os conteúdos					
Adquirir conhecimento e auxiliar no planejamento das aulas					
Tornar as aulas dinâmicas					
Prender a atenção dos alunos					
Divertir os alunos					

Fonte: Resultados dos questionários

A categoria referente a resposta do docente 4 está marcada de vermelho porque apresenta uma discrepância em relação a pergunta que focava na finalidade



de usar *videoclip* em sala de aula e ele respondeu sobre a finalidade de assistir *videoclip* no seu cotidiano, no caso, para adquirir informação e lhe auxiliar no planejamento das aulas, que ele não marcou como sendo finalidade na pergunta de número dois do primeiro tópico que era referente a isto.

A fim de tornar mais visíveis tais categorias, segue-se algumas das respostas literais dos professores à pergunta: com que finalidade você utiliza *videoclips* em sua sala de aula? A resposta do docente 1 foi a seguinte: “Como fio condutor para os temas trabalhados” (Docente 1). Paulo Ricardo dos Santos e Sheila Kloss já comentam a possibilidade do *videoclip* ser utilizado como introdutório das aulas, surgindo a partir dele questões que abarquem a aula e motivem os estudantes a respondê-las. “O vídeo pode servir para introduzir um novo assunto, despertar a curiosidade, a motivação para novos temas, facilitar o desejo de pesquisa nos alunos e o conteúdo didático” (KLOSS e SANTOS, 2010, p.106).

A resposta do docente 5: “com a finalidade de dinamizar as aulas, **prender** a atenção do aluno, discutir os temas abordados” (Docente 5, grifo nosso) e a do docente 3: “relacionado aos conteúdos estudados ou para **diversão**” (Docente 3, grifo nosso) chamam a atenção para o fato ressaltado por Pedro Demo (2009) de que as novas tecnologias estão sendo inseridas na escola não para beneficiar o aprendizado dos alunos, mas como forma de “modernizar” as aulas: “novas tecnologias são usadas para **enfeitar a aula**, não para aprimorar a autoria discente” (DEMO, 2009, p. 57, grifo nosso).

Em relação aos professores que afirmaram não utilizar *videoclips* em sala de aula, que computam 29%, os motivos elencados foram falta de interesse e falta de recurso, como exposto na fala do docente 6: “Eu particularmente não uso por falta de interesse próprio e também não é oferecido os materiais no ambiente de trabalho” (Docente 6).

Depois de constatar se os professores utilizam *videoclips* em sala de aula, as últimas perguntas do questionário procuravam conhecer a opinião dos professores sobre o *videoclip* e saber se os mesmos tinham intenção de participar de algum



projeto relacionado ao seu uso. Os professores foram unânimes em reconhecer a contribuição do *videoclip* para a aprendizagem do aluno. Para demonstrar o que pensam os professores, expomos, a seguir, as afirmações de quatro docentes.

O docente 1 declarou que o *videoclip* “contribui com o aprendizado principalmente nos assuntos atuais em que as crianças precisam estar a par de tudo que acontece. É um recurso que traz informações precisas” (Docente 1). Nesta fala, o docente 1 ressalta o fato dos vídeos serem, em sua maioria, atuais e por serem curtos trazem informações objetivas que auxiliam o aluno na síntese de determinados conteúdos. O docente 2 afirmou que “é um recurso importante, pois quando a criança pode visualizar determinados conteúdos, textos; ela o assimila melhor e aprende mais” (Docente 2), nesta citação o professor relaciona a importância do *videoclip* com sua característica multimídia, que ajuda o aluno a visualizar o que está sendo trabalhado e assim fixar melhor os conteúdos. Ainda relacionado a esta característica, o docente 5 pronunciou que o vídeo curto “é bastante útil, pois o aluno visualiza (aprecia) em seguida debate para poder responder os questionamentos, tornando a aula mais dinâmica e prazerosa” (Docente 5). Nesta fala é acrescentado o fato dos alunos gostarem do vídeo e, assim, se sentirem mais motivados a participar da aula, provocando uma maior interação entre aluno e professor.

O docente 7, mesmo não utilizando *videoclips* em sala, admite com precaução a importância do mesmo, ressaltando que “dependendo do estilo/gênero do vídeo não é adequado para certas idades. Mas quando é utilizado de uma forma pedagógica adequada é um recurso de uso bastante positivo” (Docente 7). Como se percebe, o referido professor não expõe qual seria para ele a forma pedagógica correta e nem o que o impulsionaria a utilizar *videoclip* em sala de aula. Quanto à importância, as respostas aproximaram-se do que nós esperávamos, já que muitos docentes não apenas afirmaram o uso, como também o justificaram.

Na última pergunta todos os professores responderam positivamente, revelando o interesse em participar de algum projeto relacionado ao uso do



*videoclip* em sala de aula, demonstrando que eles estão abertos a novas ideias, que, ao nosso ver, se destaca como um ponto positivo, pois nos fornece a base para a continuação de nossa pesquisa. Por fim, é importante destacar que o levantamento destes dados nos possibilitou conhecer a realidade escolar, assim como a visão dos professores a respeito do *videoclip*, o que nos ajudará no desenvolvimento da pesquisa.

## Considerações

Como os *videoclips* integram a chamada Era Digital e, conseqüentemente, imerge os alunos como nativos na cultura digital, a escola não pode ignorar o fato de que seus estudantes podem se beneficiar largamente em seu processo de aprendizagem por meio do uso de *videoclips*, já que eles possuem, juntamente com a mediação docente, grande potencialidade educacional. Todavia, sua utilização exige fundamentação em propostas didáticas bem planejadas a fim de se garantir mais uma prática de letramento digital na sala de aula.

Os estudos teóricos, bem como a interpretação das respostas concedidas através dos questionários, permitiram a percepção de que muitos professores já utilizam *videoclips* em sala, alguns abarcam objetivos como a introdução ou fixação de conteúdos, mas há ainda finalidades como “passatempo”, como diversão e não especificamente como instrumento didático motivador. Os professores que não os utilizam em sala, alegam que no local de trabalho não são disponibilizados recursos ou estes são insuficientes. Todos que cederam suas respostas à pesquisa afirmam o interesse em participar de projetos na área, assim, tal trabalho caracteriza-se como um primeiro passo para pesquisas futuras.

A pesquisa nos faz refletir sobre a necessidade de conhecimento docente por parte das universidades, oferecendo orientação para o uso planejado de meios tecnológicos como mais uma opção de recursos disponíveis ao professor e aos alunos. É preciso, então, repensar modelos de ensino e de suporte para a



construção de fundamentos teórico-práticos nesse campo promovido pela Era Digital.

## Referências

SILVA, Emanuel Feliciano da. **Tecnologias e letramento digital: perspectivas inovadoras para o contexto educacional na sociedade.** In: Colóquio Brasileiro Educação na Sociedade Contemporânea, 3., 2012, Campina Grande, anais de colóquio em CD-ROM.

BORBA, Marcelo C.; PENTEADO, Miriam Godoy. **Informática e Educação Matemática.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção Tendências em Educação Matemática). Disponível em: <<http://dmd2.webfactional.com/media/anais/A-UTILIZACAO-DO-LABORATORIO-DE-INFORMATICA-COMO-INSTRUMENTO-FACILITADOR-DA-APRENDIZAGEM-NA-ESCOLA.pdf>>. Acesso em: 26 de out. de 2012.

DEMO, Pedro. **Educação hoje: “novas tecnologias, pressões e oportunidades.** São Paulo: Atlas, 2009.

FERRES, Joan. Em entrevista concedida a Contrapontos - volume 8 - n.2 - p. 309-315 - Itajaí, mai/ago 2008.

FILENO, Érico Fernandes. **O professor como autor de material para um Ambiente Virtual de Aprendizagem.** Curitiba. 2007. Disponível em: <<http://www.miniwebcursos.com.br/artigos/PDF/viewpaper.pdf>>. Acesso em: 16 de jan. de 2012.

KLOSS, Sheila e SANTOS, Paulo Ricardo dos. **A criança e a mídia: a importância do uso do vídeo em escolas de Joaçaba - SC.** Unoesc & Ciência - ACHS, Joaçaba, v. 1, n. 2, p. 103. jul./dez., 2010. Disponível em: <[http://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/viewFile/23/pdf\\_63](http://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/viewFile/23/pdf_63)>. Acesso em: 12 de jun. de 2012.

LOPES, José Júnior. **A introdução da informática no ambiente escolar.** Ano desconhecido. Disponível em: <<http://www.clubedoprofessor.com.br/artigos/artigojunio.htm>>. Acesso em: 15 de nov. de 2011.

MORAN, José Manuel. **Gestão inovadora da escola com tecnologias.** In: VIEIRA, Alexandre (org.). Gestão educacional e tecnologia. São Paulo, Avercamp, 2003. p. 151-164. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/gestao.htm>> Acesso em 16 de jan. de 2012.



OLIVEIRA, Francisco Santana de. **Hipertexto e letramento midiático: os novos recursos e a função do professor no processo de educação.** In: Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, 3., 2008, Recife, anais eletrônicos. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Francisco-Santana-Oliveira.pdf>>. Acesso em: 19 de set. de 2012.

AIRES, Maria Lourdes F.G. **Introdução ao Ensino à Distância.** EADCON. 2008.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora, visual e verbal.** São Paulo - SP: Ed. Iluminuras, 2001.

PORTO, Leonardo Cunha da Silva. **Dissertação sobre o computador na prática pedagógica com realce para a educação especial.** Data de defesa desconhecida. Dissertação (Mestrado) - Instituto Politécnico do Porto. 1998. Disponível em: <<http://www.lerparaver.com/node/162>>. Acesso em: 09 de Janeiro de 2012.

VALENTE, Carlos - **Second live e Web 2.0 na educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias / Carlos Valente e João Mattar.** - São Paulo: Novatec Editora, 2007.

---

<sup>1</sup> **Micaelle Ribeiro do NASCIMENTO, graduanda do curso de licenciatura em Pedagogia, bolsista do PET-Pedagogia**  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)  
Unidade Acadêmica de Educação (UAEd)  
micaelle.rn@hotmail.com

<sup>2</sup> **Lais Venâncio de MELO, graduanda do curso de licenciatura em Pedagogia, bolsista do PET-Pedagogia**  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)  
Unidade Acadêmica de Educação (UAEd)  
laisvenanciomelo@gmail.com

<sup>3</sup> **Rossana Delmar de Lima ARCOVERDE, Professora doutora em Linguística Aplicada/PUC-SP**  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)  
Unidade Acadêmica de Educação (UAEd)  
rossanaarcoverde@uol.com.br